

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NA IGREJA, SEGUNDO O MAGISTÉRIO

CONSECRATED RELIGIOUS LIFE IN THE CHURCH, ACCORDING TO THE MAGISTERIUM

Marileda Baggio*

Resumo

Este artigo tem a pretensão de apresentar algumas reflexões sobre o pensamento do Magistério¹ com relação à vida religiosa consagrada² na Igreja. Um tema talvez não muito comum a esta revista. Para o Magistério, um tema de suma importância. Após o Concílio Vaticano II, foi abordado de forma relevante pela significativa contribuição da vida religiosa consagrada à Igreja. O texto,

* Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, com bacharelado em Teologia na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF) de Porto Alegre (RS). Realizou Mestrado em Teologia Sistemática e em Espiritualidade na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Roma, onde também concluiu Doutorado em 2006. Atualmente é pesquisadora bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)/MEC, pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), PNPD n° 4176-38/2010, no projeto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde desenvolve pesquisa relacionada às *Novas linguagens em Teologia num mundo plural*. É professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Teologia.

¹ A palavra *magisterium* no latim clássico indicava o papel e a autoridade daqueles que eram “mestres”. Na idade média *magisterium* significava o papel e a autoridade daquele que ensina. No uso moderno católico a terminologia *magisterium* é associado ao papel e à autoridade docente da hierarquia. Recentemente o termo é usado referindo-se ao conjunto das pessoas que na Igreja Católica ensinam, ou seja, o papa e os bispos. Nos documentos do Vaticano II o termo é usado em ambos os sentidos. Cf. SULLIVAN, F. A. *Magistero*, in LATOURELLE, R. – FISICHELLA, R. *Dizionario di Teologia Fondamentale*, Cittadella Editrice, Assisi, 1990, p. 653.

² Cf. GHIRLANDA G. *Il diritto nella Chiesa*, San Paolo, 1990, 177-178. O capítulo VI da *Lumen gentium*, embora com o título *Os Religiosos*, classifica todos aqueles/as que com os votos ou outros laços sagrados, de natureza semelhante ao voto, cumprem

pela complexidade do assunto, não pode tratar detalhadamente cada um dos documentos. Apenas analisa o que há de comum entre todos, ou seja, a vida religiosa consagrada, pela sua natureza, está inserida na Igreja, contribuindo com sua presença e missão para o bem do povo de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo. Conselhos evangélicos. Vida religiosa consagrada. Realidade. Igreja.

Abstract

This article purports to present some reflections on the thought of the Magisterium with respect to the consecrated religious life in the Church. A theme that may be very common to this magazine. For the Magisterium it is a subject of Paramount importance. Especially after the II Vatican Council, it was approached in a relevant way for the significant contribution of religious life devoted to the Church. The text, by the complexity of the subject cannot address in detail each of the documents. It only analyses what they all have in common, i.e., the consecrated religious life, by its nature, is inserted into the Church, helping with its presence and mission for the good of the people of God.

KEYWORDS: *Jesus Christ. Evangelical counsels. Consecrated religious life. Reality. Church.*

Introdução

Originalmente, a vida religiosa consagrada sempre foi uma profecia, isso desde os primeiros monges do deserto, quando se rebelaram contra uma Igreja pomposa e infiel à sua origem.

A vida religiosa consagrada, no decorrer dos anos e dos séculos, sempre revelou e revela pessoas individualmente ou grupos que vivam de forma profética, procurando imitar o próprio Jesus Cristo no seu estilo de vida.

Os anos e os séculos passaram e ela sempre continuou a ter sua importância fundamental na sociedade e na Igreja. O Magistério sempre enfatizou a relevância que a vida religiosa consagrada teve e tem na Igreja, sobretudo com o Concílio Vaticano II e os documentos Lumem

os três mencionados conselhos evangélicos. “Religioso”, então, não é mais entendido no sentido canônico do c. 487, CIC 1917, mas em um sentido teológico mais amplo. Nos últimos escritos sobre o assunto, muitos são os autores que usam a terminologia “vida religiosa consagrada” e não simplesmente “os religiosos” como no caso do capítulo VI da LG ou “*vida consagrada*” como na exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II, do ano de 1996.

gentium e Perfectae caritatis. É com sua presença em meio aos mais vulneráveis que ela revela sua profecia. Já dizia João Paulo II que a vida religiosa consagrada nunca deverá faltar à Igreja.

1 Desde então...

Desde os primeiros séculos, houve pessoas que deram início àquela que hoje denominamos vida religiosa consagrada. Foram “homens e mulheres que se propuseram pela prática dos conselhos evangélicos seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-lo mais de perto, levando, cada qual a seu modo, a vida consagrada a Deus. Dentre eles, muitos, por inspiração do Espírito Santo, ou passaram a vida na solidão ou fundaram famílias religiosas [...]”³ Isso se deu, sobretudo, na era constantiniana, quando houve pessoas que desejaram viver com radicalidade a vida cristã e abandonaram as cidades e as facilidades de uma igreja estabelecida, fugindo para a aridez do deserto. Nesse tempo floresceram os seguidores e seguidoras de Antão, considerado protótipo e ícone da vida monástica.⁴ Com Pacômio⁵ nasce a vida cenobítica, a *koinonia* (vida comunitária).

Não se sabe, contudo, *por que* os primeiros monges se retiraram para o deserto, mas sabe-se *para que* fizeram isso. Não o fizeram por motivos pastorais ou apostólicos e tampouco por projetos sociais ou políticos.⁶

Durante os séculos V e VI, a vida monacal se estenderá à Irlanda, Itália e a outros países da Europa, tendo como grande figura Bento de Núrsia. No século VIII, a pedido de Bonifácio VIII, muitas monjas

³ Vaticano II, *Decreto Perfectae caritatis, sobre a atualização dos religiosos*, n. 1.

⁴ Cf. Codina, V. Zevallos, N. *Vida religiosa: história e teologia*; coleção teologia e libertação. Petrópolis, 1987, 26. Antão, copta, nasceu em 270, numa família cristã. Alicerçou sua vida no amor a Cristo e ao próximo. A origem de sua vocação é bíblica: seguir Jesus como os apóstolos.

⁵ Nasceu por volta de 292, de família pagã. Converte-se ao 20 anos, deixa a carreira de militar, recebe o batismo e lidera um grupo de discípulos seus para a vida cenobítica. Cf. Codina, V. Zevallos, N. *Vida religiosa: história e teologia*, 31.

⁶ Cf. Castillo, J. M. *O futuro da vida religiosa, das origens à crise atual*. São Paulo, 2004, p. 26-27. Esses homens ou mulheres que fugiram para o deserto possuíam ideias estranhas para os dias de hoje, quando o sentido primeiro da vida religiosa consagrada é a alteridade. Pensavam que o envolvimento com o sofrimento humano poderia afastá-los do espírito de vida optado e da lembrança de Deus. É verdade que alguns pensavam de outra forma. Pacômio pensava que a vontade de Deus é que servissem a humanidade a fim de reconciliá-la com Deus. Embora se reduzisse a desejar a salvação das almas.

foram à Inglaterra dedicando-se à obra de evangelização e ao anúncio da mensagem evangélica aos novos povos. Contudo, a missão principal da vida religiosa monacal era a “maternidade espiritual”. Embora não fosse consagração religiosa em uma Congregação, muitas dessas pessoas se consagravam individualmente para se dedicarem ao serviço de Deus e dos necessitados na Igreja, levando uma vida de ascese e sacrifício.

No início do século XIII, um novo meio de vida religiosa consagrada, inaugurada por São Francisco e São Domingos, atrai também muitas mulheres. É o caso de Santa Clara.

Nessa época, porém, a vida religiosa consagrada é de clausura. Com o passar do tempo, as monjas poderiam trabalhar com os jovens no interior dos mosteiros, sobretudo o cuidado com os doentes e em obras de caridade, embora essa missão se tornasse restrita pelo estilo de vida de clausura.

Por esse motivo, começam a surgir novos institutos femininos com o objetivo de fazer obras de caridade e misericórdia. São mulheres consagradas, mais livres das implicações jurídicas, que um mosteiro comporta, fazendo apenas os votos simples e privados e vivendo as exigências substanciais da vida religiosa tradicional, tendo assim mais tempo para dedicarem-se à assistência aos doentes, aos pobres, a obras de caridade e aos jovens nas escolas.⁷

Destacam-se algumas mulheres influentes na vida religiosa feminina e na transformação dos mosteiros. É o caso de Santa Catarina de Siena (1347-1380) e, dois séculos depois, Teresa D’Ávila (1515-1582), reformadora do Carmelo feminino.⁸

A vida religiosa consagrada, por muitos anos, sofreu um vácuo teológico.

Os documentos do Vaticano I [...] não deixam de oferecer uma linguagem eclesiológica onde se acentua fortemente a autoridade: a autoridade de Deus na fé, a autoridade papal na Igreja. ‘Tivemos que esperar pelo Vaticano II para poder encontrar uma imagem eclesiológica mais comunitária e equilibrada’.⁹

⁷ Cf. Codina, V., Zevallos, N. *Vida religiosa: história e teologia*, p. 32-55.

⁸ O Concílio de Trento na sessão XXV *De Regularibus*, deu um passo atrás naquilo que se tinha conseguido na reforma dos conventos, impondo uma rígida disciplina com relação à vida religiosa propriamente dita. Em muitos mosteiros volta-se à clausura, que já estava em desuso. RECCHI, Silvia, em *Dizionario teologico della Vita Consacrata*. Milano, 1994, 648.

⁹ Cf. Codina, V., Zevallos, N. *Vida religiosa: história e teologia*, p. 59.

É com o Concílio Vaticano II que a vida religiosa consagrada tem a oportunidade de mostrar seu rosto profético. Ele pede, em síntese, segundo a *Perfectae caritatis*: a volta ao Evangelho; ao carisma dos fundadores e fundadoras; a abertura aos movimentos da Igreja e aos sinais dos tempos, e a renovação espiritual.

2 *A Lumem gentium*

A vida religiosa consagrada, neste último século, mostrou haver inúmeras pessoas que souberam unir a totalidade de sua consagração a Deus em favor dos irmãos, dando uma resposta concreta às exigências dos novos tempos. “O Sagrado Sínodo encoraja e louva os homens e as mulheres, irmãos e irmãs, que nos mosteiros, nas escolas, nos hospitais e nas missões, adornam a Esposa de Cristo pela constante e humilde fidelidade na mencionada consagração e prestam a todos os homens os mais variados e generosos serviços” (n. 46).

A Lumem gentium não esqueceu esta incansável parcela cooperadora ativa na e da Igreja, qual seja a vida religiosa consagrada. “Os religiosos por seu estado dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças” (n. 30). Nos anos pós-concílio, os institutos religiosos foram se adequando às mudanças contingentes e aos contextos históricos. Seguindo por esse caminho, muitas foram as escolhas corajosas.

Fala-se da vida religiosa consagrada que começa a resplandecer seu rosto místico, sendo presença onde não existe mais esperança de vida, onde a vida do ser humano se reduz à servidão do pecado (n. 2). Enfim, a vida religiosa consagrada é chamada a ser a exemplo do próprio Cristo que “consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição” (n. 22).

Pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, a vida religiosa consagrada é um sinal que resplandece o jeito de viver um estilo de vida que corresponde a uma escolha vocacional. Diante do mundo o fundamental é dar testemunho de Deus. Um testemunho escatológico, que consiste em transcender as estruturas temporais, para trazer presente o próprio Deus: “... ora manifesta aqui já neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, ora prenuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste” (n. 44).

Também como Igreja a vida religiosa consagrada está “imersa entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus...” (n. 8).

Já dizia José Comblin, um dos poucos escritores e críticos da vida religiosa consagrada dos últimos tempos, há poucos anos da conclusão do Concílio Vaticano II: “Os religiosos nunca estiveram fora do mundo. Estão no mundo em todos os sentidos” .¹⁰

O mundo, portanto que tem diante dos olhos [...] toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive [...] teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias [...] criado e conservado pelo amor do Criador [...] foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação (LG n. 2).

Na literatura pré-conciliar falava-se de “estado de perfeição”. A ideia de perfeição não serve para especificar o estado religioso. Na *LG* capítulo VI o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos,¹¹ embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está, contudo, firmemente relacionado com sua vida e santidade (n. 44). No entanto, não mais santo por um estado de vida, mas santos/as porque nosso Deus é Santo (cf. *1Pd* 1,16). Enfim uma santidade concedida em razão do próprio batismo.

A *LG* ressalta que “os conselhos evangélicos da castidade consagrada a Deus, da pobreza e da obediência, se baseiam nas palavras e nos exemplos do Senhor” (n. 43). As reflexões sobre os conselhos evangélicos e sobre a vida religiosa consagrada tornam-se mais bíblicas graças aos aprofundamentos exegéticos. É um modelo radical proposto pelo evangelho e não por autoridades humanas. Vivem-se os conselhos evangélicos em relação a Jesus Cristo. A comunidade e a pobreza são

¹⁰ Comblin, J. *Os religiosos e o mundo*, in *REB*, v. 29, fasc. 3,9/1969, Petrópolis, p. 850-880.

¹¹ Somente no capítulo VI “Os Religiosos”, os conselhos evangélicos foram citados seis vezes, sem, contudo argumentações maiores para desenvolver uma teologia da vida religiosa consagrada nas dimensões bíblica e espiritual, embora isso tivesse sido feito de forma abundante por estudiosos/as, teólogos/as e críticos nos anos sucessivos ao Concílio. Eles não são um sinal meramente externo. Visto dessa forma ele traz consigo a herança do pré-concílio onde a vida religiosa era dirigida pelas inúmeras normas, em detrimento de uma compreensão teológica do verdadeiro sentido da consagração à vida religiosa, na qual os votos tinham um fim em si mesmos e não um meio para viver a consagração enquanto testemunho de seguimento de Jesus Cristo.

valores bíblicos importantes propostos como um ideal e uma exigência a todo o cristão e conseqüentemente aos religiosos/as. São os conselhos evangélicos a dar a motivação primeira à vida religiosa consagrada? Eles são meios ou a explicitação da Lei Nova do Evangelho que é o amor, a perfeição da caridade (cf. *1 Cor* 13, 13). É dessa forma que a vida religiosa consagrada é luz para os povos, a vivência dos conselhos evangélicos na vida da Igreja.

3 *A Perfectae caritatis*

ALG enfatiza que “o procurar seguir a caridade perfeita pela prática dos conselhos evangélicos tem origem na doutrina e nos exemplos do Divino Mestre, e aparece como sinal muito claro do Reino do Céu”.¹² Dá-nos a impressão que essa é a tônica da Constituição dogmática sobre a Igreja, ao falar da vida religiosa especificamente.

APC desenvolverá isso, mas não sem antes aludir, desde o início do Decreto, que se “propõe a tratar da ‘vida e da disciplina’ dos institutos,¹³ cujos membros professam a castidade, a pobreza e a obediência” (n. 1). Por meio dos votos de castidade e obediência, ou a profissão dos Conselhos evangélicos,¹⁴ “consagram-se de maneira especial ao Senhor, seguindo a Cristo” (n. 2),¹⁵ que, em síntese, são meios para servir Jesus Cristo e seu Reino na pessoa dos nossos irmãos e irmãs necessitados.

A vivência dos conselhos evangélicos leva concretamente a pessoa do consagrado/a a ser sinal e, em consequência, testemunho do seguimento de Jesus Cristo e “quanto mais fervorosamente pois se unem a Cristo, por essa doação de si mesmos que abrange a vida toda, tanto mais rica se torna a vida da Igreja e tanto mais vigorosamente se desenvolve seu apostolado” (n. 1).

¹² *PC* n. 1.

¹³ Contudo deixa em aberto dizendo que “normas particulares para a conveniente exposição e aplicação destes mesmos princípios serão estabelecidas após o concílio pela autoridade competente” (n. 2).

¹⁴ Uma abundante bibliografia foi escrita logo após o Vaticano II sobre a vida religiosa consagrada, enfatizando também a teologia dos votos, ou Conselhos Evangélicos. Vários autores se podem destacar, entre eles: Lourenço Kearns, com três volumes separados sobre cada um dos votos (castidade, pobreza, obediência), editora Santuário. Recentemente Giacomo Perego (2008), livro traduzido e editado pela Paulus (2010), aborda o assunto à luz do Novo Testamento.

¹⁵ O Decreto *PC* baseia essa afirmação em Cristo virgem e pobre (cf. *Mt* 8,20; *Lc* 9,58) e Cristo obediente (cf. *Fl* 2,8).

No decorrer dos anos foram sendo escritos muitos outros documentos pontifícios, bem como da Sagrada Congregação para os Religiosos, sem contar o que se produziu de literatura nos diversos países com suas Conferências episcopais e conferências de religiosos. Além disso, muitos estudiosos/as teólogos/as religiosos/as e leigos/as escreveram sobre esse tema.

A *PC*, especificamente, trata da renovação dos institutos religiosos e de seus membros. “A atualização da vida religiosa compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de toda vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos” (n. 2). Essa renovação, enfatiza a *PC*, acontece sob o impulso do Espírito Santo e guia da Igreja e há de promover-se de acordo com os seguintes princípios: o seguimento de Jesus Cristo; cada instituto viva de acordo com sua índole própria e o espírito dos Fundadores e Fundadoras para bem da própria Igreja; que participem das iniciativas e das intenções da Igreja; visão adequada da realidade da época bem como a respeito das necessidades da Igreja.

Nisso consiste a eclesialidade da vida religiosa consagrada: “ser” para a Igreja. O destaque significa que a vida religiosa não seria nada sem estar dentro da Igreja e nela ser e fazer brotar a vida e a vida em abundância (cf. *Jo* 10,10). A Igreja não é estática, nem tampouco a vida religiosa consagrada por “ser” Igreja e pela sua eclesialidade. Ela existe para fazer frutificar a missão dentro da Igreja, de forma que seus membros “possam julgar, com sabedoria e à luz da fé, as circunstâncias do mundo de nosso tempo e, cheios de zelo apostólico, possam ajudar mais eficazmente a humanidade” (cf. 2d).

Há de se ressaltar também a praticidade, até porque trata da vida e da disciplina da vida religiosa consagrada, colocando dicas de “critérios práticos de atualização”, ou seja, de poder viver com maior liberdade o seguimento de Jesus Cristo nessa escolha vocacional. Isso se fez necessário uma vez que a demanda da vida religiosa consagrada é a de inserir-se na missão da Igreja em meio ao mundo com toda sua complexidade de pós-modernidade.

A organização da vida, da oração e do trabalho há de adaptar-se por toda parte e, sobretudo, nos territórios de missões, às condições físicas e psíquicas hodiernas dos membros e ainda, conforme o exija a índole própria do Instituto, às necessidades do apostolado e às exigências da cultura, como igualmente às circunstâncias sociais e econômicas (n. 3).

A vida consagrada é um dom de Deus para a Igreja e para toda a humanidade. “Consagrado” quer dizer ser escolhido por Deus para pertencê-lo totalmente e para ser instrumento de sua particular presença de amor. É uma vocação que se realiza por obra do Espírito Santo, no seguimento radical de Cristo casto, pobre e obediente.¹⁶

Contudo impressiona pelos inúmeros verbos colocados no imperativo. É mais um enumerado de resoluções a cumprir que propriamente um novo que desperte para um aprofundamento verdadeiro do que seja de fato a consagração a Deus pelos conselhos evangélicos, ressaltando sua dimensão cristológica, eclesiológica, escatológica, enfim, sua profundidade na relação com o Mistério.

Tanto a Constituição Dogmática *Lumen gentium*, onde a vida religiosa consagrada aparece no capítulo VI, quanto o Decreto *Perfectae caritatis*, sobre a atualização dos religiosos, necessitam de um maior aprofundamento teológico sobre o argumento. Contudo, foi a partir dos princípios desses documentos do Magistério, que se desenvolveram estudos aprofundados sobre o tema no período pós-conciliar. Talvez isso possa ser explicado, em parte, pela ausência da vida religiosa consagrada tanto masculina, quanto feminina, no próprio Concílio.¹⁷

4 As exortações apostólicas e documentos do pós-concílio

A exortação apostólica *Evangelica testificatio*¹⁸ veio para confirmar e encorajar, orientar e estimular os religiosos e religiosas diante das dificuldades dos sinais dos tempos, insistindo sobre a importância decisiva do empenho pessoal, fazendo apelo à fidelidade, aos valores essenciais e à autenticidade. A exortação usa um linguajar direto,

¹⁶ POLI, G. F. e CRESPI, P. Documenti sulla vita consacrata 1990-1996. *La vita consacrata. Lettera dei vescovi italiani alle comunità cristiane*, Torino, 1998, 331.

¹⁷ As mulheres religiosas somente puderam ser admitidas na segunda sessão do Concílio, apenas como ouvintes. Cf. Beozzo, J.O., *Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II*, in Bombonato V. I., (org.) *Concílio Vaticano II, análise e prospectivas*. São Paulo, 2004, p. 127.

¹⁸ Exortação apostólica de Paulo VI, acerca da renovação da vida religiosa, segundo o ensinamento do Concílio (29 de junho de 1971), a cinco anos da *Perfectae caritatis*, em *AAS*, 1971. Dividida em quatro capítulos, a exortação conclama a todas as formas de vida religiosa consagrada a viverem a união com Deus; a empenharem-se a viver os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência em meio à realidade; a conduzir a própria vida de forma a unificá-la com a pessoa de Jesus Cristo e exorta a um constante renovamento e crescimento espiritual.

perpassado por um sopro de fervor e também de ternura fraterna aos religiosos e religiosas. Enfatiza que a vida religiosa consagrada sempre foi um germe e, progressivamente, tem a necessidade de se desenvolver e de se articular em formas diversas de vida comunitária ou solitária, para melhor responder (n. 3) ao convite do próprio Jesus Cristo (Lc 18,29-30).

Vem ressaltada, nessa exortação, a missão da vida religiosa consagrada, de estar onde estão as pessoas mais abandonadas: “Em um mundo em pleno desenvolvimento essa parcela da massa e de indivíduos miseráveis é um apelo insistente” a (n. 17) “uma conversão de mentalidade e de modo de ser” (Gs n. 63). Esta parcela da Igreja que escuta e tenta responder a defesa dos direitos dos irmãos/ãs indefesos, “ressoa nos vossos corações de maneira dramática, que alguns de vós provais, por vezes, também a tentação de ações violentas” (n. 17). É um sinal concreto da caridade sem o qual “a Igreja inteira correria o risco de refrear-se, o paradoxo salvífico do Evangelho de atenuar-se; o ‘sal’ da fé de diluir-se num mundo em fase de secularização” (n. 105).

A sensibilidade à pobreza não é nova, nem na Igreja, nem na vida religiosa. Aquilo que talvez é novo, é que a sensibilidade particular com relação aos pobres e à pobreza no mundo caracteriza hoje a vida religiosa. Hoje existem formas de pobreza em grande escala, vividas por indivíduos e suportadas por inteiras sociedades: a fome, a ignorância, a doença, o desemprego, a dependência econômica e política, a corrupção no funcionamento das administrações e, sobretudo, o fato de que a sociedade humana parece organizada de modo a produzir esses diversos tipos de pobreza.¹⁹

Segundo a *Optiones evangelicae*,²⁰ o testemunho de inúmeros religiosos e religiosas os quais optaram livre e corajosamente pela causa dos mais humildes e por seus direitos, não é nada mais nada menos, que a vivência e eficácia do evangelho na voz da Igreja.

A Carta dos Bispos italianos ressaltava, sobretudo a vida religiosa consagrada feminina, pela grandeza de suas dimensões, por todo bem que faz ao mundo, sobretudo aos mais necessitados e por esta levar a

¹⁹ Congregazioni per gli istituti di Vita Consecrata e le Società di Vita Apostolica, *Direttive sulla formazione negli istituti religiosi, 'Potissimum institutioni'*, 2 de fevereiro de 1990, n. 10.

²⁰ *Optiones evangelicae*; Documento da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares: *religiosos e promoção humana*, em AAS, 1980.

mulher à sempre mais profunda sabedoria, consciência de sua dignidade e responsabilidade na sociedade na Igreja. Continua a Carta dizendo que a vida religiosa consagrada é um precioso dom do Espírito, sendo no mundo de hoje um sinal de profecia. Entende-se o grande e singular valor da vida religiosa consagrada à missão da Igreja, como sendo construtora de uma nova civilização, fundamentada no amor de Jesus Cristo. Seu caráter evangélico e sua presença e testemunho no mundo evidenciam não uma realidade isolada e marginal, mas que ressoa em toda a Igreja. Está no próprio “coração” da Igreja como elemento decisivo para sua missão e ação.²¹

O documento diz ainda que se deve reconhecer também o trabalho da mulher religiosa consagrada no âmbito social. Que é relevante a consciência feminina no que diz respeito a ajudar a humanidade a rever seus próprios esquemas mentais, o seu modo de autocompreender-se, de interpretar e de atuar na história, de organizar-se e de participar da vida política, social, religiosa e eclesial.²²

A grande missão que tem a vida religiosa consagrada na evangelização também não foi esquecida por Paulo VI na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*.²³ O Magistério reconhece que, com liberdade, os religiosos e as religiosas deixam tudo para anunciar o Evangelho até os confins do mundo (cf. *Mt* 24,14), enfrentando muitas vezes grandes riscos para sua saúde e até para a própria vida (n. 69).

5 Vita consecrata²⁴

Passados trinta anos do Concílio, o Magistério dedica uma exortação apostólica inteiramente alusiva à vida religiosa consagrada,

²¹ POLI, G. F. e CRESPI P. *La Vita Consacrata*. Lettera di Vescovi italiani alle Comunità Cristiane, 350.

²² Nota-se uma evolução quanto à concepção da hierarquia com relação ao ser-atuar da vida religiosa consagrada feminina. Pouco se falou nos documentos do Magistério sobre sua inserção na vida social, eclesial e na história de modo geral.

²³ Exortação Apostólica de Paulo VI. *Evangelii nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, de 8 de dezembro de 1975.

²⁴ João Paulo II. *Exortação Apostólica pós-sinodal “Vita consecrata”*, veio “oxigenar”, por assim dizer, muitas formas de vida religiosa, contaminadas pelo desencanto e apatia. Coloca a vida religiosa consagrada como aquela capaz de ativar a vida da Igreja, pelo seu testemunho de fraternidade, solidariedade e evangelização e que necessita ser renovada e recriada na dimensão do seguimento de Jesus Cristo e da vivência radical do Evangelho.

assinalando que Igreja e sociedade têm necessidade da presença da vida religiosa consagrada, a qual, antes mesmo de empenhar-se totalmente ao Reino de Deus e a sua causa, deixa-se transformar pela graça de Deus, conformando-se plenamente ao Evangelho de Jesus Cristo (n. 105).

A vida religiosa consagrada não poderá faltar nunca à Igreja, como um se seus elementos irrenunciáveis e característicos, como expressão se sua mesma natureza (n. 2). É sinal eloquente e modelo de comum unidade com a Igreja, com o próprio carisma e com outras formas de vida, aprofundando uma eclesiologia de comunhão.

Somente vivendo uma comunhão eclesial é possível desenvolver uma espiritualidade de comunhão. A vida de comunhão é um sinal para o mundo, fazendo, através desse com o que o mundo creia em Cristo. E, em Cristo, e por Cristo, a comunhão se abra à missão. A comunhão mesma torna-se missão. É uma pluralidade única e uma unidade plural (n. 52).

Ela aparece como um dom dado à Igreja. Ela está em uma posição central, atuando como um elemento decisivo para sua missão. Indica a natureza íntima da vocação cristã. É uma vida que dá o perfume (n. 104) à casa-Igreja (cf. *Jo* 12,3). A Igreja é adornada com a preciosidade que é a vida religiosa consagrada. É testemunho do amor e da gratuidade. Sem a presença dos religiosos, a Igreja seria certamente mais pobre, diz o documento.²⁵

A vida religiosa consagrada está no centro da Igreja para, dentro dela, ser e formar comunhão. Ela é um “povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (*LG* 4). É obra da Trindade. É um dom do Pai doado à Igreja através do Espírito. O Vaticano II assinala o início de uma nova etapa. Fruto disso é que a Igreja se reconhece melhor que antes. É uma Igreja animada e impulsionada pelo Espírito Santo, que é a sua alma.²⁶ João Paulo II, nesta Exortação Apostólica, coloca a vida religiosa consagrada em uma perspectiva Trinitária. A Igreja é por si o rosto visível do Mistério Trinitário. Só o espírito de Cristo é capaz de reunir um povo disperso, formando comum-unidade (*1 Cor* 1,10; *Ef* 4,3; 4,13).

²⁵ “Deixemos de lado as avaliações superficiais de funcionalismo, sabemos que a vida consagrada é importante precisamente por ser superabundância de gratuidade e de amor, o que torna ainda mais verdadeiro num mundo que arrisca a ficar sufocado na vertigem do efêmero [...]. A vida da Igreja e a própria sociedade têm a necessidade de pessoas capazes de se dedicarem totalmente a Deus e aos outros por amor de Deus.” *VC* 105.

²⁶ Cf. BANDERA, A. *Vida religiosa, una vocación difícil de entender*. EscVed 27, 1996, 7.

Pela profissão dos conselhos evangélicos, a vida religiosa está firmemente relacionada à vida e santidade da Igreja (LG 47). Está presente desde o início, e não poderá faltar jamais à Igreja como um de seus elementos irrenunciáveis e característicos, como expressão de sua mesma natureza. Ela é estímulo para toda comunidade eclesial pela sua dimensão de santidade (n. 29).

E, nesse mundo, onde os valores do Reino se tornam cada dia mais confusos e menos vividos, a vida religiosa consagrada é chamada a gerar fraternidade universal, ajudar a “salvar” a humanidade da tentação do isolamento, e de todo tipo de pecado. Esse testemunho da vida religiosa consagrada na Igreja vai além de raça, cor, sexo, nível social e até de credo.²⁷ Deve sentir-se “com”, isto é, dentro, junto à Igreja e a serviço da comunidade eclesial. É chamada a oferecer ao mundo, descrente e complicado, com urgência e humildade, a experiência de Deus em uma Igreja sedenta do Absoluto (EN 69). É chamada então a ser profética ao interno desta Igreja-Comunhão, discernindo os sinais dos tempos e sendo capaz de captar o sopro que vem do Espírito. Nesse sentido ela é profética.²⁸

Comprometida com o evangelho, ela não é capaz de esconder-se para fugir ao perigo. Ela tem o dom do martírio. Junta-se ao grito de tantas vozes que clamam por justiça, pão e paz. Compromete-se com a realidade que a circunda. É profeta de um mundo novo e agente de uma história em que sejam vividos os valores evangélicos (n. 84). Então a vida religiosa consagrada é capaz de ser sinal de comunhão, elo de unidade entre os povos, profeta de um novo tempo e ainda manifestação da ternura de Deus ao mundo. Desse modo ela é capaz de fazer reconhecer sua identidade, sua capacidade, sua missão e responsabilidade, abrindo-se a novos espaços de participação em diversos setores e níveis da Igreja e sociedade (n. 57-58).²⁹

A vida religiosa consagrada por vocação dá testemunho da índole escatológica da Igreja, renunciando ao que é terreno. Ela é verdadeiramente testemunho da grandeza do Reino de Deus, cresce na adesão a Jesus Cristo e se compromete com a vida da humanidade.³⁰

²⁷ Cf. CALERO, A.M. *En la Iglesia y para la Iglesia. Lectura eclesiológica de la “VC”*. Confer 35, 1996, 629-645.

²⁸ Cf. FUSTERS. *Qué sería del mundo sin los religiosos?* Teología Espiritual 41, 1997, 49.

²⁹ Cf. VALLEJO, C.A. *“Vita consacrata”*: esperanzas y preocupaciones de la Iglesia sobre la Vida Consagrada. CONFER, vol. XXXVI, 1997, 41.

³⁰ BANDERA, A. *Vida religiosa, una vocación difícil de entender*: EscVed 27, 1997, 9.

Portanto é essencialmente eclesial: nasce no interior da Igreja e para o bem da Igreja e tem a função de evangelizar, de levar aos povos a mensagem do Evangelho e testemunhar o amor de Jesus Cristo à humanidade.³¹

Conclusão

Vida religiosa consagrada é um assunto que não desperta interesse em todas as pessoas, no entanto ela sempre constou da vida da Igreja e da sociedade. Não há como negar sua presença e sua atuação nesses contextos. Sabe-se que muito de nossa cultura, sobretudo no que tange à educação, à saúde, ao social, deve-se a ela.

Muitas vezes esquecida na Igreja e na sociedade, ela foi trilhando seus caminhos. Como se sabe, iniciando pela vida monástica, pelos mendicantes e por outras iniciativas que marcaram a sociedade, ela atendeu sobretudo as parcelas menos favorecidas da sociedade. Essa vida nova que acontecia nas fronteiras da vida humana estava baseada no Evangelho. Muitas delas foram esquecidas, sobretudo pela hierarquia da Igreja, bem como pela teologia.

Foi com o Concílio Vaticano II que se retoma a vida religiosa consagrada e se tenta colocá-la em destaque. A *Lumem gentium* dedica o capítulo VI aos religiosos. A *Perfectae caritatis* é toda dedicada à renovação da vida religiosa consagrada. Embora não tenha desenvolvido vastamente sua teologia, acentuou sua essência que é a vivência dos conselhos evangélicos. Em síntese, a Constituição dogmática *LG* e o Decreto conciliar *PC* abrem espaço para a vida religiosa consagrada viver o Evangelho em meio ao mundo, sendo sinal profético e somando junto a todo bem que a Igreja de Jesus Cristo opera no mundo.

Outros documentos do Magistério foram sendo escritos sempre colocando a importância da vida religiosa consagrada para a edificação do Reino de Deus.

Recebido: 20/07/2011

Avaliado: 08/08/2011

³¹ GOIA, Benito. *Formazione Integrale alla Vita Consacrata*. Bologna, 1997, 155.